



REVISTA ÉPICAS - CIMEEP/UFS

MORATO, Fernando. Domingos Caldas Barbosa, novas luzes sobre os limites da épica portuguesa de fins do século XVIII. **Revista Épicas**. N. 18 – dez 25, p. 155-165.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2025.v18.155165>

DOMINGOS CALDAS BARBOSA, NOVAS LUZES SOBRE OS LIMITES DA ÉPICA PORTUGUESA DE FINS DO SÉCULO XVIII

DOMINGOS CALDAS BARBOSA, NEW LIGHTS ON THE LIMITS OF PORTUGUESE EPICS FROM THE LATE EIGHTEENTH CENTURY

Fernando Morato¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Fundação de Amparo à ciência do Estado de São Paulo (FAPESP)

RESUMO: Este é o relato de um aspecto da minha pesquisa de pós-doutoramento que resultará na publicação das *Obras reunidas de Domingos Caldas Barbosa (1740-1800)*. A variedade e alta qualidade da obra desse autor afro-descendente que exerceu um papel importante na sociedade portuguesa de fins do século XVIII se desdobra em numerosas frentes de aproximação devido à complexidade das formas e dos significados que o poeta manipulou. Desse ponto de vista, a liberdade com que ele tratou os gêneros e espécies épicos suscita muitas reflexões a respeito do lugar que eles ocupavam no universo mental luso-brasileiro.

Palavras-chave: Caldas Barbosa, Narrativa, limites de gêneros, cultura popular.

ABSTRACT: This is the report of one aspect of my postdoctoral research that will result in the publishing of the *Complete Works of Domingos Caldas Barbosa (1740-1800)*. The variety and high quality of this Afro-descendant author greatly impacted Portuguese society from the late Eighteenth Century, and unfolds in many different perspectives. The complexity of Caldas Barbosa's works is remarkable. From this point of

¹ Fernando Morato tem graduação e mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), doutorado em Estudos do Mundo Lusófono pela The Ohio State University e faz pós doutorado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É autor de *Obras poéticas de Silva Alvarenga* (Martins Fontes, 2005) e *A Doença, de Domingos Caldas Barbosa* (32, 2018). Faz divulgação de literatura no canal de youtube Preso na Língua (<https://www.youtube.com/@presonalingua-comfernandom8543>)
ORCID - <https://orcid.org/0000-0001-7292-354X>

view, the license that he applied to epic genre brings up some ideas about the role played by such genres in Luso-Brazilian mental structure.

Keywords: Caldas Barbosa, Narrative, Genra edges, Popular Culture.

Introdução

O caminho que me trouxe à atual pesquisa de pós-doutorado é um pouco tortuoso, assim como o próprio itinerário do poeta sobre o qual agora me debruço. Depois de anos seguindo a figura emblematicamente neoclássica de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, poeta árcade, entusiasta do projeto pombalino e figura iluminista nos trópicos, fundador da Sociedade Literária do Rio de Janeiro (mais científica que literária, evidenciando um entendimento alargado de “letras”), professor régio de Poética e Retórica e dono da maior biblioteca privada da colônia (mais de dois mil volumes), tive a oportunidade de arrematar esse acúmulo de informações e reflexões com um doutorado na *The Ohio State University*, no então recém-criado programa de doutorado em Estudos do Mundo Lusófono, iniciado em 2013 e encerrado em 2019. Ao longo do doutorado, o convívio com minha orientadora, professor Lúcia Costigan, desviou minha atenção para Domingos Caldas Barbosa.

Foi num dos primeiros seminários sobre literatura afro-brasileira que a professora Costigan propôs a leitura de *A Doença*, poema narrativo publicado por Caldas Barbosa em 1777 e nunca mais reeditado desde então. O texto era do século XVIII, minha área de interesse e especialidade, então foi um movimento natural que eu ficasse responsável pela apresentação e discussão desse poemeto de pouco mais de 50 páginas.

Esse foi meu primeiro contato com algo de Caldas Barbosa que não fossem as legendárias modinhas que estão indissociavelmente ligadas a seu nome. Mas havia alguns problemas adicionais: como esse era um dos primeiros textos literários que iríamos discutir no seminário, como a maioria dos meus colegas se dedicava a temas contemporâneos e como a única fonte disponível era uma cópia da edição de 1777 que Lúcia havia feito na Biblioteca Nacional de Portugal, senti que o acesso dos colegas seria extremamente dificultado por essas circunstâncias e me propus então a fazer uma transcrição, atualizando a ortografia, para que a leitura fosse um pouco menos espinhosa. A partir dessa transcrição começamos, Lúcia, um outro colega dominicano que se dedicava também à literatura colonial (Miguel Alejandro Valério, hoje professor em Maryland) e eu um projeto duplo de tradução do poema de Caldas Barbosa para o inglês e uma edição brasileira moderna, com notas e introdução. Esse projeto seguiu em paralelo ao longo de todo o meu doutorado e resultou na primeira edição individual de *A Doença*.

desde a primeira impressão em 1777.² A nossa edição, com introdução e abundantes notas explicativas, saiu pela Editora 34 em 2018, um ano antes de eu defender o doutorado, mas já desde o primeiro ano do programa Caldas Barbosa já havia ocupado um lugar de destaque na minha produção acadêmica, secundado apenas pelo meu objeto primário, Silva Alvarenga.

Retornado ao Brasil após a conclusão do doutorado, uma série de circunstâncias pessoais me levaram ao pós-doutorado, que faço na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – 2023/18186-5) e sob a supervisão da professora Maria do Socorro Fernandes Carvalho. A escolha do tema de pesquisa estava dividida entre algumas alternativas, todas ligadas a questões sérias do neoclassicismo setecentista, mas a opção acabou sendo por Domingos Caldas Barbosa devido a duas circunstâncias: 1) a virtual inacessibilidade à sua obra, que é impressionantemente multifacetada e 2) uma pequena série de “discordâncias intelectuais” com a minha ex-orientadora e com a fortuna crítica a respeito da interpretação dessa obra. Achei que as duas justificavam um trabalho de mais fôlego sobre essa figura. Estou, então, trabalhando para reunir e editar toda a obra conhecida de Caldas Barbosa (poesia, prosa e teatro) com uma introdução crítica.

Domingos Caldas Barbosa, poeta da modinha e do lundu?

O subtítulo desta seção do relato é intencionalmente provocativo. Ele faz referência explícita tanto à antologia de Adriana Campos Rennó mencionada acima em nota (*Caldas Barbosa e o pecado das orelhas: a poesia árcade, a modinha e o lundu*, 2005) quanto à biografia escrita por José Ramos Tinhorão (*Domingos Caldas Barbosa: o poeta da viola, da modinha e do lundu*, 2004). A fortuna crítica do poeta gira obsessivamente ao redor desse aspecto de sua obra: ele foi o principal cantor e executor do gênero musical “modinha brasileira,” que fez um estrondoso sucesso no Portugal do último quartel do século XVIII e se firmou como gênero “brasileiro por excelência” ao longo do século seguinte.

Ainda que na *Formação da literatura brasileira* Antônio Cândido tenha sentenciado com certa rapidez a respeito de Caldas Barbosa (“...foi um simples modinheiro, sem relevo criador”³), o que lhe custou muitas críticas azedas de quase todos os que depois se debruçaram sobre o

² Durante esse processo descobrimos que a professora da UFF Adriana de Campos Rennó havia publicado em 2005 *A Doença numa antologia intitulada Caldas Barbosa e o pecado das orelhas: a poesia árcade, a modinha e o lundu*. Essa edição, entretanto, incorre em uma série de pequenos erros de transcrição e algumas confusões de interpretação do texto original.

³ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira, momentos decisivos*. P. 154.

poeta, o ponto é que, seja para bem, seja para mal, ele já tem sedimentada a seu respeito a caracterização como “autor de modinhas.”

Muito dessa sedimentação se deu pelo fato de que, apesar de ocasionalmente ser publicado um ou outro dos muitos poemas que Caldas escreveu em vida, apenas as letras das modinhas, reunidas e impressas pelo próprio poeta em 1798 sob o título de *Viola de Lereno* (e depois acrescidas de um segundo volume, impresso em 26 anos após a morte do poeta, em 1826) foram sistematicamente acessíveis. No século XX houve duas edições dessas coleções (1944 e 1980) e, como mencionado anteriormente, apenas em 2005 uma antologia mais ampla, seguida da nossa edição de *A Doença* em 2018.

E isso, definitivamente, só permite uma visão extremamente parcial da figura intelectual do poeta, sobretudo o papel que os gêneros épicos desempenham nesse conjunto.

Nascido em 1740, os primeiros biógrafos (Cônego Januário da Cunha Barbosa e João Adolfo de Varnhagen, ambos do IHGB), mencionam uma facilidade para a poesia cômica e debochada que lhe teria resultado, já na adolescência do poeta, numa punição na forma de alistamento compulsório para a campanha na Colônia do Sacramento em 1762. Ao ir para Portugal em busca do ensino superior que não era acessível na colônia, em 1768, o próprio Caldas Barbosa diz (em *A Doença*) que se valeu da facilidade como improvisador para sobreviver frente ao revés que foi a súbita morte de seu pai. Essa habilidade fez com que caísse nas graças de duas das figuras de mais alta nobreza de Portugal, os irmãos José e Luís de Vasconcelos e Sousa (futuros Marquês de Belas e Conde de Figueiró) que lhe franquearam proteção numa época em que a sobrevivência de um letrado era virtualmente impossível fora do mecenato de algum nobre.

Em 1775, quando da inauguração da Estátua Equestre do rei dom José I, que foi na verdade a grande celebração do seu primeiro ministro, Marquês de Pombal, Caldas não apenas se une ao coro dos poetas que celebraram o evento como o faz em uma posição de prestígio, escrevendo poemas que foram recitados na grande parada promovida pela Casa dos Vinte e Quatro, a câmara municipal de Lisboa. Nos anos que se seguem ele escreve uma grande variedade de poemas líricos, narrativos e encomiásticos (reunidos em 1793 ao longo dos quatro volumes do *Almanak das Musas*, publicação da Academia de Belas Letras), como pelo menos três obras de razoável envergadura: duas versões de uma *Recopilação dos principais sucessos da História Sagrada em Versos* (uma em 1776, com 784 versos, e outra em 1793, com 1998 versos) e um poema auto-biográfico em 1777, *A Doença*. Além disso, dedica-se ao teatro, sendo responsável por três textos originais (*Os viajantes ditosos*, 1790; *A saloia namorada*, 1793; e *A vingança da cigana*, 1794) e uma tradução (*A escola dos ciosos*, 1795).

O mencionado *Almanak das Musas* foi a publicação dos poemas escritos por vários dos membros da Academia de Belas Letras que se reunia sob direção de Caldas Barbosa na casa de seu protetor, o Conde de Pombeiro (José de Vasconcelos, depois Marquês de Belas), agremiação que não apenas se entretinha em privado, mas se projetava para os círculos oficiais da monarquia, o que inclusive gerou conflitos com Manuel Maria Barbosa du Bocage. Dessa altercação resultaram alguns poemas satíricos/insultuosos que fizeram época e levaram ao fim da academia, considerada a “Nova Arcádia” (em referência à importante agremiação fundada em 1756).

Além desses diversos poemas, Caldas Barbosa dedicou-se consistentemente à escrita das modinhas e lundus, que cantou durante todos esses anos e fizeram sua fama, mas só as imprimiu em 1798; ainda assim, alguns documentos manuscritos indicam que já estavam sendo reunidas desde fins dos anos 1780. Por fim, escreveu também alguns textos em prosa (*Descrição da grandiosa quinta de Belas*, 1800) e fez várias traduções. Justifica-se assim, creio, a interrogação que coloquei no título desta seção depois do epíteto “poeta da [viola,] modinha e do lundu.” A variedade que procurei sumariar nesta brevíssima descrição biográfica certamente merece mais atenção e interpretação, porque apresentam várias questões instigantes.

Há inúmeras portas de entrada possíveis para a obra de Domingos Caldas Barbosa: música, teatro, sociabilidade (política e letrada), teorização poética, sentimentalismo, cotidiano, identidade, afrodescendência &c. Dada a natureza deste periódico, vou centrar a atenção prioritariamente na apropriação e desenvolvimento da tradição épica.

São fundamentalmente três os textos que dialogam de maneira mais explícita com essa tradição: 1) *A Doença*, de 1777; *Lebreida, ou Caçada Real das Lebres* (circa 1775, impressa em 1793) e 3) *Recopilação dos principais sucessos da História Sagrada em versos* (primeira versão de 1776 e segunda de 1793). Todos estes três textos são bons exemplos da habilidade do poeta em narrar histórias em versos (há ainda outros poemas que também testemunham essa habilidade, como *Feira da Luz*, *As doentes* e *Festa na real quinta de Queluz*, mas estes se afastam mais visivelmente do estilo épico, tendendo à crônica) e tratam o seu modelo declarado, Luís de Camões, com bastante liberdade.

O domínio que Caldas Barbosa tinha dos protocolos épicos fica bem registrado nas duas “Cartas a Arminda,” publicadas em 1793 no *Almanak das Musas*, nas quais o eu poético explica a sua interlocutora como fazer versos e quais os decoros de certos gêneros. Na segunda carta, escrita em versos decassílabos (e por isso voltada aos gêneros pertinentes a esse tipo de verso), ele diz:

Muitas vezes grandiloqua Epopeia,
Solta desta prisão, voa e passeia,
Outras vezes, sem ter duro embaraço,
Vai medindo em Oitava o seu passo.
Assim Camões a heroica marcha ordena,
Assim de Castro a delicada pena.
Cabe agora notar qual se une e trava
Sonora rima na graciosa Oitava;
Que em si mesma um discurso concentra[n]do
Vai para outros a passagem dando
E em curtos ramalhetes bem diversos
Das flores da eloquência adorna os Versos,
Fazendo em uma música alternante,

Arremata com descrição da oitava-rima, forma épica por excelência, e segue com o exemplo da primeira estrofe de *Os Lusíadas*, e acrescenta:

Esta grata invenção, que da Castália
Correu a fecundar Espanha, Itália,
De uma fácil maneira se acomoda
A todo o assunto e à matéria toda.
Assusta-nos co' o rufo dos tambores,
Alegra-nos co' as graças e os amores,
Pinta os Campos, Cidades, Leis costumes,
No mundo honra os mortais, no Céu os Numes:
Um hora esfria, outr' hora se afogueia
E alterna a marcha a gosto da Epopeia.

Ainda que a menção seja passageira e se centre nos aspectos formais, os pequenos comentários acerca da temática e estilo (grandiosidade, paixão e ritmo marciais, temas civis e espirituais) dão a dimensão da compreensão que o poeta tinha do decoro que convém ao gênero épico. É exatamente o que nos surpreende quando olhamos diretamente para as suas produções que mais se aproximam desse gênero:

Em *Lebreida*, ainda que a forma reproduza integralmente o modelo épico português (a oitava-rima) e o tema seja razoavelmente elevado (a figura do rei e sua *entourage*), a ação de caçar lebres rebaixa o discurso para uma atividade razoavelmente mesquinha, ainda que tenha passagens extremamente patéticas:

Vai das rompentes unhas pendurado
O pequeno animal, o povo grita;
Para o ligeiro cão, como pasmado,
Sobre o sucesso, quase que medita:
Ora se move a um ora a outro lado:
Move a cauda co'a vista no ar ficta;
Mas vê correr ao longe outros e corre
Enquanto a lebre ensanguentada morre.

Ainda assim, há uma elaborada mimese do poema camoniano quando o narrador descreve um velho de “cãs que inda lhe dão maior respeito” (v 85) que eleva a voz em meio à multidão, qual Velho do Restelo, mas não para moralizar e sim para relembrar com orgulho a passagem do rei anterior, dom João V. Forma heroica e modelo heroico se adequam a um conteúdo que dificilmente nos convence, hoje, de seu heroísmo.

Não espanta, afinal, essa forma “De uma fácil maneira se acomoda /A todo o assunto, e à matéria toda.”

No outro exemplo, ainda mais conforme ao modelo da tradição, *A Doença*, as contradições se acumulam de maneira explícita: existe uma narração (épico) levada a cabo em “estilo francês” (dísticos decassílabos rimados), que conta a história de como “o Caldas” (espelho poético de si mesmo, definitivamente não-épico) se salvou de um... tumor nas costas (menos épico ainda); envolta em uma elaborada malha de figuras mitológicas (épicas), a narrativa se interrompe no final do Canto 2 para dar voz ao personagem que conta os eventos anteriores (típico dos modelos épicos), mas esse personagem é... o Caldas! (intensificação de um jogo de espelhos afastado da épica). Ao longo dos 1344 versos do poema há citações inteiras de *Os Lusíadas* (“Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos:” III, 270, oriundo de IV, 24, para falar de um antepassado do Conde da Calheta, Antônio de Vasconcelos), há citações claras para o condescendor, como a primeira descrição da personagem alegórica da Doença:

Então eu vi alçar-se espetro informe De horrido aspecto e de u'a voz enorme: Ornam poucos cabelos a cabeça E da mirrada testa lhe começa Na borbulhosa pele u'a cor pálida, Uns encovados olhos, barba esquálida, Da carcomida boca, respirando Um hálito pestífero e nefando;	205 210
---	----------------

Que ecoam a figura do Gigante Adamastor:

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.
(CAMÕES, V, 39)

Agora a citação explícita mais significativa é o encerramento de *A Doença*:

Se a consigo, benévolas virtude,
 Então poderei, bem que inda não pude,
 Descobrindo do Caldas grato o peito,
 Mostrando ali o teu suave efeito,
 Expor dos Vasconcelos o Elogio,
 Que vou tecendo em bem urdido fio:
 Desempenhar-me a mim, desempenhar-te,
 E espero que me ajude engenho e arte. 320
324

Citar como último verso aquele que arremata a “Proposição” de *Os Lusíadas* é quase como assumir o ter colocado o poema camoniano de pés para o ar. As diversas subversões realizadas ao longo do texto não se encaixam de forma alguma no modelo épico, porque fogem ao decoro que o próprio Caldas recomendara a Arminda nas suas “Cartas:” além de temas baixos, personagens populares e situações do cotidiano (a única personagem elevada é o conde com seus sentimentos de piedade), esses assuntos são todos tratados com seriedade patética:

Se houver algum mortal que possa tanto 1
 Que ouvindo a minha voz reprema o pranto,
 Aplique o duro coração e ouvidos
 E ouvirá nos meus versos meus gemidos,
 Os tristíssimos ais e altos clamores, 5
 As duras aflições e agudas dores
 Que o miserável Caldas suportara
 Até que destra mão destrói, separa
 Com apressado e horroroso corte
 Grosso tumor que lhe ameaça a morte. 10

Poderíamos ser tentados a pensar na construção de um poema herói-cômico, mas essa saída não satisfaz: a inversão promovida por esta espécie poética altamente codificada (tratar um assunto baixo com linguagem e imagens elevadas) tem por finalidade criar um contraste que gere riso, o que definitivamente não é o caso de *A Doença*.

O conjunto não se aclara com as duas versões da *Recopilação dos principais sucessos da história sagrada em versos*. Na mesma forma em que foi escrita *A Doença* (dísticos decassílabos rimados), os dois poemas fazem um panorama dos acontecimentos da *Bíblia*, criando pequenos quadros narrativos que têm como intenção (expressa na introdução “À Mocidade Portuguesa,” que antecede as duas versões):

A Simples narração da História Santa,
 Americana Musa, sem enfeite,
 À juvenil memória of'rece e canta: 1

Ainda que haja uma declarada intenção de se afastar do épico:

A épica trombeta não emboca,
Faz soar a didática buzina
Qu'estranho termo e fábulas não toca: (7-9)

o resultado final, uma vez que tematiza a grande saga do povo hebreu, acaba por se aproximar da epopeia. Há também lances heroicos, narrações brilhantes, sobretudo na versão mais longa, a de 1793:

1230

Ao lampejar da espada Macabéia,
A oprimida cerviz alçou Judéia
E perante o seu Deus a quem se prostra
O espedaçado jugo Assíria mostra:
E em prêmio desta paz que o Povo goza,
Reina a Asmodéia 'stirpe gloriosa.

Considerações finais

Esta breve apresentação, creio, demonstra a inegável apropriação que Domingos Caldas Barbosa fez da tradição épica, sempre de maneira consciente e livre em relação aos modelos e aos decursos. Ela revela também a complexidade que se oferece ao leitor moderno. No atual estágio da pesquisa, apesar de já haver um longo convívio com essa obra, ainda acho temerário arriscar uma interpretação definitiva em relação a essa atitude.

Nessa altura, pode ser interessante resgatar aquela referência dos primeiros biógrafos à punição que o jovem Caldas Barbosa teria recebido porque “o seu genio desinquieto e picante brilhava sobremaneira em algumas satyras, que, como era natural, lhe grangearam inimigos”⁴. Não nos chegou nenhum testemunho textual dessas sátiras, tão pouco é possível reconhecer traços satíricos em outros poemas do autor. E isso numa época em que esse gênero estava em alta: a altercação gerada entre os membros da Arcádia Lusitana e os “dissidentes” que se reuniam ao redor de Filinto Elísio por volta de 1770 (época em que Caldas Barbosa já estava em Portugal) foi intensa; assim também como a desavença de Bocage com os membros da Nova Arcádia resultou em poemas insultuosíssimos, inclusive dirigidos aos próprio Caldas. Para além disso, vários poetas como Nicolau Tolentino, Nuno Álvares Pereira Pato Moniz e Antônio Lobo de Carvalho se especializaram na sátira. Ainda assim, salvo algumas pequenas descrições um pouco mais ácidas nas modinhas, não parece ter havido continuidade nessa “veia satírica” punida na juventude.

Aqui vale a pena uma menção de caráter biográfico que encontramos no Canto III de *A Doença*: quando, já em Portugal, o poeta recebeu a notícia da morte de seu pai e da consequente

⁴ BARBOSA, Januário da Cunha, p 210

interrupção de qualquer auxílio financeiro, ele passou a ter que sobreviver da caridade de amigos e conhecidos, o que era bastante incerto.

105

“Como desta miséria os mais fugiam
E à importuna voz se ensurdeciam,
Consultando o cansado sofrimento,
Eu usei dum forçado fingimento;
A minha desnudez fingi e creram
Que de um estranho humor desordens eram,
Mudei o humilde tom de desgraçado;
E como não pedia, era escutado.
Fácil a sua bolsa franqueava
Quem valer-se da minha inda esperava:
E esta indústria feliz, eu não o nego,
Me restitui às margens do Mondego;

110

Mesmo correndo o risco de cair em biografismos, creio que a passagem é bastante ilustrativa a respeito da consciência sobre o jogo de aparências que regia a sociedade portuguesa do final do Antigo Regime: a pobreza explícita afastava, mas a afetação de uma suposta excentricidade orgulhosa que se manifestasse através das marcas da pobreza era não só tolerada como auxiliada financeiramente. A transposição desse “forçado fingimento” do âmbito dos jogos sociais para os jogos literários pode, quem sabe, iluminar algo a respeito da maneira como as regras dos gêneros e dos decors eram tratadas: havia expectativas que precisavam ser superficialmente acatadas, mas a “sinceridade absoluta” poderia ser perigosa e gerar punições (caso das sátiras) – melhor disfarçar a intenção e encaixar o explicitado na chave de OUTRA expectativa legitimada. Assim se ressignificam as formas, os conteúdos e os gêneros.

Se esse tipo de aproximação pode se revelar frutífero, são os trabalhos que ainda estou por fazer que vão mostra-lo.

Referências

BARBOSA, Domingos Caldas. *A Doença*. Introdução e notas de Lúcia Costigan e Fernando Morato. São Paulo: Editora 34, 2018.

BARBOSA, Januário da Cunha “Domingos Caldas Barbosa”. **Revista Trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**. Tomo 4. Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1842. pp. 210-213.

CAMÕES, Luís de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 14^a edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

RENNÓ, Adriana de Campos. **Caldas Barbosa e o pecado das orelhas: a poesia árcade, a modinha e o lundu** (Textos recolhidos e Antologia Poética). São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

SAWAIA, Luiza. **Domingos Caldas Barbosa, herdeiro de Horácio, poemas do Almanak das Musas: estudo crítico**. Prefácio de Vania Pinheiro Chaves. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2015.

TINHORÃO, José Ramos. **Domingos Caldas Barbosa: o poeta da modinha e do lundu (1740-1800)**. São Paulo: Editora 34, 2004.